

**16 ABR
a 16 MAI
2021**

**BIENAL DE FOTOGRAFIA
DE VILA FRANCA DE XIRA
CELEIRO DA PATRIARCAL**

BF 20

**PROGRAMA
CURATORIAL**

**8 MAI
a 26 SET
2021**

DEAMBULAÇÃO E ITINERÂNCIA
MUSEU MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA

**18 SET
a 21 NOV
2021**

**FOTOUTOPIA:
CONSTRUÇÕES IMAGINÁRIAS**
FÁBRICA DAS PALAVRAS

V I L A F R A N C A D E X I R A

BF20

BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA

CELEIRO DA PATRIARCAL

16 DE ABRIL A 16 DE MAIO DE 2021

PROGRAMA CURATORIAL

DEAMBULAÇÃO E ITINERÂNCIA

MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

8 DE MAIO A 26 DE SETEMBRO DE 2021

FOTOUTOPIA: CONSTRUÇÕES IMAGINÁRIAS

FÁBRICA DAS PALAVRAS

18 DE SETEMBRO A 21 NOVEMBRO DE 2021

Alberto Mesquita

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

A 16.ª edição da Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira – BF20 abre as suas portas em 2021, num evento cultural que muito valoriza a cultura fotográfica em Portugal e que, uma vez mais, a Câmara Municipal se orgulha de apresentar. Embora ainda condicionados pelas restrições impostas pela pandemia de COVID-19, registamos com grande satisfação que, apesar de todas as dificuldades que afetaram particularmente e de forma muito gravosa o setor cultural e artístico no último ano, o interesse pela Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira não só se manteve, como se intensificou. A comprová-lo estão as 90 candidaturas apresentadas à BF20, mais 34 do que as registadas na BF18, facto que nos deixa ainda mais convictos da relevância desta iniciativa e do importante papel que desempenha no calendário de eventos dedicados à arte contemporânea no nosso País.

As candidaturas seleccionadas pelo Conselho de Curadores ao Prémio Bienal de Fotografia poderão agora ser apreciadas pelo público na nossa mais nobre sala de exposições, o Celeiro da Patriarcal em Vila Franca de Xira. Certamente não terá sido tarefa fácil a que esteve a cargo de Bruno Humberto, Catarina Botelho, Filipa Valladares e Paulo Mendes, a quem agradeço pelo trabalho realizado, assim como aos elementos do Júri da Bienal – António Pinto

Ribeiro, Emília Tavares, Liliana Coutinho, Raquel Henriques da Silva e Tobi Maier –, que tomaram a decisão final quanto ao vencedor.

A BF20 voltou a contar com a curadoria de Sandra Vieira Jürgens, quer na exposição central, quer nas exposições integradas no Programa Curatorial. Dou-lhe os meus parabéns por mais um excelente trabalho realizado, em colaboração com os serviços municipais que estiveram envolvidos na produção deste evento. É um enorme prazer para o nosso Município podermos reunir em torno da BF20 um conjunto tão alargado de personalidades e de profissionais, cujo mérito, valor artístico e experiência nesta área contribuíram de forma muito significativa para a enorme qualidade desta Bienal. Saúdo também todos os artistas que na BF20 apresentam os seus trabalhos, seja no contexto do Prémio Bienal, seja nas Exposições que integram o Programa Curatorial, as quais poderemos também apreciar na Fábrica das Palavras e no Museu Municipal em Vila Franca de Xira.

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira tem nesta Bienal um dos seus eventos culturais de dimensão nacional e a Fotografia Contemporânea continua a ter em Vila Franca de Xira um espaço de excelência para se dar a conhecer. Ultrapassando todos os

desafios, estamos fortemente empenhados numa política cultural que promova as múltiplas formas de expressão artística, na certeza de que é através desta diversidade que valorizamos a Liberdade e construímos uma Sociedade mais enriquecida, quer em termos culturais, quer de conhecimento.

Sandra Vieira Jürgens

CURADORA-GERAL

A Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira está de volta com o objetivo de divulgar e incentivar a produção artística nacional no domínio da fotografia. Celebrados trinta e dois anos da Bienal, esta edição privilegia o futuro e a mudança, apresentando-se como um observatório da criação atual, dando a conhecer novos autores e marcando encontro com fotógrafos e artistas que homenageiam a história e reinventam a linguagem fotográfica, considerando novas possibilidades e explorando novos caminhos e o potencial tecnológico e visual do meio fotográfico.

Através da exposição do Prémio, que decorre no espaço do Celeiro da Patriarcal, e de um programa curatorial de exposições que têm lugar no Museu Municipal e na Fábrica das Palavras, estabelece-se um espaço de representação alargado da criação fotográfica portuguesa, o qual pretende obter visibilidade local e nacional, aproximando a comunidade e os públicos diversificados ao mundo da fotografia contemporânea.

A seleção e atribuição dos Prémios temáticos – Bienal de Fotografia, Concelho de VFX e Tauromaquia – privilegiou a qualidade e a transparência, num processo que contou com um Júri de Nomeação, formado por um Conselho de Curadores, e um Júri de Premiação.

O Conselho de Curadores reuniu individualidades e agentes culturais de reconhecido mérito nesta área e teve o papel de avaliar as candidaturas e designar os artistas convidados a apresentar trabalhos originais, em exposição coletiva, no espaço do Celeiro da Patriarcal. Os artistas nomeados foram: Ana Janeiro, Beatriz Banha, Daniela Ângelo, Elisa Azevedo, Frederico Brízida, Hugo de Almeida Pinho, Humberto Brito, Stefano Martini e Teresa Huertas. A partir da exposição dos projetos dos artistas nomeados, o Júri de Premiação delibera o vencedor do concurso. O Júri de Nomeação foi constituído por Bruno Humberto, Catarina Botelho, Filipa Valladares e Paulo Mendes. O Júri de Premiação foi constituído por António Pinto Ribeiro, Emília Tavares, Liliana Coutinho, Raquel Henriques da Silva e Tobi Maier.



ANA JANEIRO
BEATRIZ BANHA
DANIELA ÂNGELO
ELISA AZEVEDO
FREDERICO BRÍZIDA
HUGO DE ALMEIDA PINHO
HUMBERTO BRITO
STEFANO MARTINI
TERESA HUERTAS

ANA JANEIRO

THE ARCHIVE IS PRESENT

O trabalho *The Archive is Present* foi desenvolvido no âmbito da minha investigação de doutoramento. Nela estudei os arquivos fotográficos da minha família, que foram posteriormente interpretados criticamente através da fotografia e performance. Ambas as famílias dos meus avós (do lado da minha mãe e do meu pai) guardaram e preservaram relevantes arquivos fotográficos de família. Explorando e analisando estes arquivos, cujas imagens consistem em fotografias tiradas em Portugal, Índia e Moçambique, o projeto defende que esses diferentes contextos resultaram em identidades diferentes, que se traduzem, por sua vez, em gestualidades e iconografias igualmente diferentes. Os álbuns das duas famílias representam um período do passado de Portugal (1940-1975) marcado por uma das mais longas ditaduras da história. A pesquisa desenvolveu uma análise iconográfica das fotografias contidas nesses álbuns, focando-se

especificamente nas imagens das (minhas) duas avós. Ambas viveram sob o mesmo regime ditatorial, uma no Portugal metropolitano e outra nos territórios coloniais/ultramarinos da Índia (em 1951-1961) e de Moçambique (1962-1975). A informação contida nas imagens de arquivo foi re-escrita, ou reinventada através da performance. Este projeto desenvolveu assim um «método específico de performance» para o registo fotográfico. O trabalho apresentado consiste numa performance que narra o processo de análise de um arquivo e da sua interpretação através dessa performance.

BEATRIZ BANHA

THERE IS NOTHING OLD UNDER THE SUN

O projeto *There is nothing old under the sun* foi realizado em Évora, na casa dos meus avós, no período entre março e abril de 2020. Durante este intervalo temporal, a minha rotina fundiu-se com o quotidiano do meu avô. Se por um lado, iniciava um processo de autonomia ao revelar

e digitalizar os meus negativos, por outro observava a dedicação dada ao quintal pelo meu avô – refletindo sobre as plantas que crescem, florescem, frutificam e, eventualmente, morrem, deixando apenas sementes para iniciar outro ciclo. Existiu sempre um certo fascínio e motivação em olhar a vida com os meus avós, talvez até uma vertigem que se revela na possibilidade de andar no limbo entre a infância e a inevitabilidade do crescimento.

DANIELA ÂNGELO

ANIMAIS

Animais é um projeto de exploração, reflexão e reconhecimento da produção e movimento *punk* no bairro de Alvalade, em Lisboa. Apresentado como um ensaio em torno da vivência, da resistência e da herança deste movimento consagrado, de modo singular, na década de 80, este projeto toma o nome de um dos *singles* da banda *punk* portuguesa nativa do bairro, os Censurados. Composto por um conjunto de fotografias que procura evocar e configurar aquilo que é a matéria

duradoura, perseverante, tenaz, muito embora, fatalmente breve, das plantas dos canteiros que integram e caracterizam este bairro, a proposta visa pensar a permanente índole de expectativa e alento sobre a erosão trágica da ação no tempo. O critério de construção destas imagens vincula-se ao legado metodológico da produção *punk* e *thrash*, nomeadamente, pelo recurso ao quarto, zona íntima e privada, como estúdio de fotografia, subvertendo as regras cénicas habituais deste último. Este exercício de redirecionamento daquele que é o estúdio tradicional de fotografia, mediante a manipulação das normas e métodos neles exercidos, manifesta-se, de maneira distinta, no controlo e na modulação da luz e das formas, colocando em evidência e realçando a natureza escultórica de cada planta, a sua singularidade e substância, a sua resiliência e continuidade, não obstante a sua condição inevitavelmente evanescente.

ELISA AZEVEDO

RIVVA

Rivva é um trabalho colaborativo entre Elisa Azevedo e *Rivva*. O trabalho vive da sua crescente intimidade. Juntas, criam imagens — sendo *Rivva* o sujeito perante a câmara e Elisa por detrás. Assim, procuram diluir as estruturas de poder em fotografar e ser-se fotografado; também no ato de olhar e na representação. Ainda que exista uma ação de enquadrar e compor a fotografia, a imagem é concebida mutuamente e nasce dos momentos passados juntas; a premissa é estar juntas, ambas com a mesma agência, num patamar comum. O trabalho lida com estas problemáticas assim como com temas como o género, a identidade e a temporalidade.

FREDERICO BRÍZIDA

TRANSINTIMIDADE

A série *Transintimidade* torna-se um prolongamento da minha investigação em torno da imagem: da forma como estende a nossa perceção, da sua contingência e do poder que encerra em si; como pode

incorporar uma sensação de superfície, uma qualidade táctil, e de se tornar um objeto – como uma pintura.

Aprisionadas por detrás de um ecrã, estas imagens relacionam-se a dispositivos digitais e como estes se assumem mediadores de intimidade, da nossa experiência do mundo, proporcionando a conexão e a exploração dos desejos humanos. O ecrã partilha um grau de sensualidade, tal como a pele – na união de corpos, fluídos e outros materiais orgânicos tornando-se uma arena para diferentes tipos de contacto. As imagens apresentam sintomas de manuseamento, marcas de circulação, sobrepõem-se múltiplas camadas de informação, estratificam-se e tornam-se objetos absorventes e passivos das agências de operadores. Capturando momentos de intimidade, e tomando o corpo humano como elemento central, direciono a atenção para a nossa dependência radical com o outro dentro de uma dialética entre presença e ausência, entre revelar e ocultar.

Transintimidade é um elogio ao erótico, ao enigma – nesta

sociedade que tudo vê e tudo expõe –, e à sua força, como defendido por Audre Lorde: «O nosso conhecimento do erótico confere-nos poder, e torna-se uma lente onde escrutinamos todos os aspetos da nossa existência, forçando-nos a avaliar honestamente a relação desses aspetos em termos de significado nas nossas vidas» ⁽¹⁾.

Nota

⁽¹⁾ Lorde, Audre (1984). *Sister Outsider*. Berkeley, CA: The Crossing Press, p. 57.

HUGO DE ALMEIDA PINHO

ESTADO DE EXCEÇÃO

STATE OF EXCEPTION

Nem o Sol nem a morte podem ser vistos fixamente. ⁽¹⁾

Heráclito

Para Derrida, o termo francês *point de vue* existe duplamente como um *ponto de vista*, uma visão ou perspectiva, e uma *privação de visão*, uma cegueira e ocultação ⁽²⁾. Esta invisibilidade constitutiva da visão é medial em *Estado de Exceção / State of Exception* ⁽³⁾, uma série fotográfica realizada em diferentes cidades europeias,

que regista diferentes reflexos solares em superfícies exteriores espelhadas ou refletoras, convocando uma inadaptação do olho (humano e mecânico) às condições impostas pela luz. Se a visão humana se ordena fisiologicamente em redor do seu *ponto cego* (a região da retina onde não existem células sensíveis para detetar a luz), este olhar frontal para o sol provoca um dano na visão visto que esta não está adaptada ao sol mas à luz solar difundida pelos objetos circundantes, mas também na própria captação da imagem fotográfica – e, simbolicamente, na sua condição enquanto arte referencial de contiguidade física com o signo.

É a partir deste carácter espectral do olhar que se pode abordar a ideia *derrideana* de uma visão que leva em conta o piscar dos olhos – uma ação que não é apenas uma privação de vista, mas aquilo que permite a visão. Tal como a experiência tencionada da captação dos reflexos solares repentinos e transitórios da cidade, existe uma ofuscação ou cegueira temporária evocada na forma como a projeção de *slides* exhibe imagens transitivas que

intermitentemente aparecem e desaparecem; isto é, imagens inerentemente permanentes expostas através de uma impermanência contínua. Esta desconstrução da plenitude do olhar surge igualmente na caixa de luz situada no exterior da *black box* e colocada num lugar de passagem coletiva. A sua imagem é sobreposta por um *filtro de privacidade*, uma película que mantém os ecrãs digitais das ATM, computadores, *smartphones* ou *tablets*, ocultos para quem os olha de lado. Formando-se entre o latente e o lateral – tal como a própria experiência de captação destes reflexos citadinos –, esta caixa de luz sobrevém sob o signo do *desvio* (do mover num sentido diferente), cujo significado implica a ideia de descaminho, de mudança de direção e de percurso alternativo face a um padrão conveniente. A fotografia constrói-se portanto num ponto cego entre uma zona de luz e visibilidade e uma outra de obscuridade e desaparecimento que criticamente inscreve o lugar contemporâneo da tecnologia e da sua difusão massiva e desmaterializada de imagens; trata-se portanto de interpelar

o excesso do visível produzido atualmente pela imagem que desfaz a ideia do olhar enquanto origem de certeza: «Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem»⁽⁴⁾.

A subordinação da privacidade ao excesso de exterioridade e de visibilidade pela tecnologia é manifesta no vazio sombrio, enigmático e insondável que estas imagens estabelecem enquanto resposta crítica à fragilidade do mundo contemporâneo; tal como revela a imagem de uma varanda com duas cadeiras vazias que assinala profeticamente um ambiente fantasmagórico e distópico vinculado ao isolamento, à desaparecimento e ao confinamento.

Numa percepção simultaneamente concreta e onírica da atmosfera urbana, *Estado de Exceção / State of Exception* inscreve-se numa *mise-en-abyme* entre o reflexo, o sol, a luz, o olho, a impermanência e a ausência. Esta obra concebe-se num jogo de dobras e reflexos que convoca e invoca uma pulsão distópica, profética, mística e insólita, onde aprisionar a fugacidade da matéria

inconcreta da luz – enquanto ato e potência – eleva aqui uma percepção inscrita numa forma apocalíptica, que na sua derivação grega *apokálypsis* designa justamente a ideia de *revelação* – «o descobrimento, o desvelamento, o véu erguido sobre a coisa»⁽⁵⁾.

Notas

⁽¹⁾ «Fixamente» designa neste contexto *frontalmente*. Ver: Maia, Tomás (2016). *O Olho Divino – Beckett e o Cinema*. Lisboa: Documenta.

⁽²⁾ Derrida, Jacques (2010). *Memórias de Cego – O Auto-Retrato e Outras Ruínas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

⁽³⁾ *State of Exception* (estado de exceção, o mesmo que *estado de sítio* ou *estado de emergência*) é o nome do livro publicado em 2003 por Giorgio Agamben acerca das consequências ético-políticas dos *estados de exceção* decretados por governos democráticos. No limite entre o direito e a política, o estado de exceção conduziu historicamente a ações políticas e governamentais que incidem negativamente sobre os direitos e as liberdades individuais e coletivas.

⁽⁴⁾ Saramago, José (1995). *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Caminho, p. 310.

⁽⁵⁾ Derrida, Jacques (1997). *De um Tom Apocalíptico adotado há pouco em Filosofia*. Lisboa: Passagens, p. 8.

HUMBERTO BRITO

ESTRADA E FANTASMAS

Estas imagens foram feitas por toda a Península de Setúbal, entre 2018 e 2019. Quis aprender a aceitar aquela paisagem vulgar, disfuncional e algo hostil, da qual tinha procurado separar-me ao longo da minha vida adulta. Não gostar da paisagem do meu passado era de certo modo ter aversão por mim mesmo. Tive vergonha desse sentimento. Quis abraçar as suas falhas, da mesma maneira que, como escreveu Wittgenstein, devemos aceitar as imperfeições no nosso rosto. Olhando para as imagens que fiz, lembro-me da resposta de Garry Winogrand quando lhe perguntaram se aspirava a ser «transparente», como Evans. Respondeu que «gostaria de não existir» mas «estou enalhado em ser eu». Estas imagens mostram-me isso mesmo. Não só uma paisagem à qual estou preso (preso como um pombo às suas coordenadas) mas também uma fisionomia da qual não posso libertar-me, e que devo saber aceitar. São auto-retratos em estilo topográfico. Espelhos e janelas. As duas coisas.

STEFANO MARTINI

RIVIERA

A série *Riviera*, realizada entre 2018 e 2019, é uma investigação territorial sobre a Margem Sul do rio Tejo, em Portugal. O projeto convoca as diversas relações do espaço com o tempo e a utilização geográfica ao redor do seu estuário.

Atravessando um registo documental entre o passado industrial e remanescente, moradias, áreas em eminente transição em função da especulação imobiliária e a marcante conexão e contraste com Lisboa na outra margem, dessa forma são evidenciadas as transformações urbanas que aparecem como marcas de contextualização social e política. Emprega como narrativa o registo do espaço contemporâneo e a interseção da arquitetura com o ambiente, provocando a indagação e reflexão de sua constituição individual e coletiva, revelando os impactos de um mundo globalizado em constante modificação.

TERESA HUERTAS

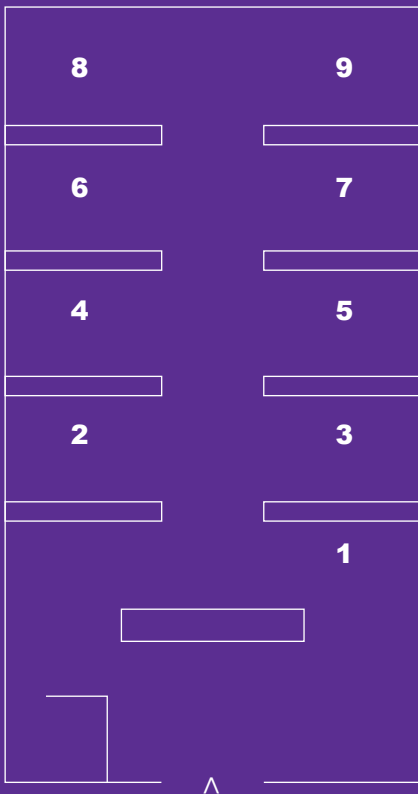
ATMÓS [PASSAGENS # 1]

Resultado de uma reflexão sobre as imagens e a sua experiência, *ATMÓS [passagens # 1]* é um trabalho fotográfico que utiliza a paisagem natural como referente para questionar a percepção e a sua relação com a duração. Recorrendo a um modelo conceptual e estético assente na contenção formal e na narrativa mínima, a obra apresenta-se como um manifesto de resistência à cultura do excesso visual, da velocidade e da hiperestimulação dos sentidos, sem, todavia, defender a passividade no ato contemplativo; pelo contrário, solicita um esforço da atenção como contraponto à intermitência que caracteriza o olhar contemporâneo. A amplificação da percepção proposta pela obra, e favorecida pelo ambiente imersivo da instalação, transforma-se em tempo para o espectador, um tempo para a fruição estética mas também para um olhar pensativo. Comprometida eticamente com o presente, dirige-se para uma realidade ameaçada: a natureza. Neste

sentido, é uma obra *que nos olha*, que nos interpela sobre as ações e os valores que defendemos. A peça integra a segunda fase do projeto *ATMÓS* iniciado em 2018. Construída a partir de uma sequência fotográfica correspondente à experiência de um lugar, é posteriormente sujeita a um processo de montagem digital que enfatiza a duração lenta como simulacro da temporalidade da natureza e sobretudo como estratégia perceptiva. A passagem da imagem fixa à imagem cinemática desestabiliza a rigidez das categorias teóricas convencionais e questiona a condição das imagens. Invocando o impulso cinemático da fotografia, uma presença constante ao longo da sua história, permito-me reclamar para este trabalho o estatuto de fotográfico, com um fundamento que não se prende com a nostalgia do *medium* mas com a tipologia matriz que lhe deu origem.

NOTA

Os textos são da autoria dos artistas.



**FICHA
TÉCNICA
DAS OBRAS:**

-
- 1.
Beatriz Banha**
 - 2.
Stefano Martini**
 - 3.
Humberto Brito**
 - 4.
Teresa Huertas**
 - 5.
Hugo de Almeida
Pinho**
 - 6.
Elisa Azevedo**
 - 7.
Frederico Brízida**
 - 8.
Ana Janeiro**
 - 9.
Daniela Ângelo**

1.
BEATRIZ BANHA

There is nothing old under the sun, 2020
Inkjet Print sobre Fine Art Paper, colado em Dibond

1. Untitled 01
100 x 63,03 cm

2. Untitled 02
52 x 32,50 cm

3. Untitled 03
43 x 26,80 cm

4. Untitled 04
52 x 32,50 cm

5. Untitled 05
52 x 32,50 cm

6. Untitled 06
43 x 26,80 cm

7. Untitled 07
52 x 32,50 cm

8. Untitled 08
52 x 32,50 cm

9. Untitled 09
52 x 32,50 cm

10. Untitled 10
43 x 26,80 cm

11. Untitled 11
100 x 63,03 cm

2.
STEFANO MARTINI

Riviera
8 Fotografias + 1 Livro

Sem título, da série Riviera, 2019
Impressão de jato de tinta sobre papel Baryta 60 x 60 cm

Sem título, da série Riviera, 2019
Impressão de jato de tinta sobre papel Baryta 100 x 100 cm

Livro Riviera, maquete, 2021
Impressão digital com encadernação manual 24 x 24 cm, 116 páginas

3.
HUMBERTO BRITO

Estrada e Fantasmas 2018-2019

Gelatina de prata em papel de fibra. 20 impressões (2 PA) de 20 x 20 cm, montadas em molduras de 46 x 41 cm, com *passe-partout*.

Parede esquerda:
Feijó; Azóia; Lagoa de Albufeira; Sesimbra; Lagoa Pequena; Zambujal de Cima

Parede do fundo:
Setúbal; Marisol; Casal do Sapo; Quinta do Conde; Quinta do Conde; Charneca da Caparica; Faralhão; Trafaria

Parede direita: Outão; Paio Pires; Mitrena, Setúbal; Mitrena, Setúbal; Mitrena, Setúbal; Paivas

4.

TERESA HUERTAS

ATMÓS

[passagens # 1], 2020

Fotografia em diaporama digital transferido para formato vídeo, p/b, som, loop. Dimensões variáveis.

5.

**HUGO DE ALMEIDA
PINHO**

*Estado de Exceção
State of Exception
2021*

(A)

Impressão Duratrans em caixa de luz
Filtro de privacidade 3M,
LED 12v
60 x 34 cm

(B)

Projeção de 81 *slides* e objeto motorizado
Estrutura em latão, piquete de ligação Terra em cobre, madeira, temporizador, motor síncrono, projetor de *slides*
130 x 50 x 60 cm

(C)

Pintura Prata sobre tela algodão
Tinta cobre sobre madeira, estrutura suspensão
150 x 90 x 2 cm

(D)

Impressão jato de tinta sobre papel fine art Hahnemühle metálico colada em alumínio
Estrutura angular em madeira, projetor de recortes luz led
35 x 24 cm

6.

ELISA AZEVEDO

***Rivva*, 2017-2019**

Impressão jato de
tinta sobre papel de
algodão

**1. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2017**
100 x 80 cm

**2. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2018**
32 x 40 cm

**3. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2019**
70 x 57 cm

**4. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2019**
24 x 20 cm

**5. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2019**
90 x 73 cm

**6. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2019**
100 x 80 cm

**7. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2018**
20 x 24 cm

8. *Sem título*, 2017
24 x 20 cm

9. *Sem título*, 2020
24 x 20 cm

**10. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2019**
32 x 40 cm

11. *Sem título*, 2018
38 x 30 cm

**12. *Sem título*,
da série *Rivva*, 2019**
85 x 67 cm

7.

FREDERICO BRÍZIDA

Transintimidade, 2020
Impressão de jato
de tinta sobre papel
Baryta

1.

Transintimidade #1
100 x 70 cm

2.

Transintimidade #3
11 x 8 cm

3.

Transintimidade #5
29,5 x 21 cm

4.

Transintimidade #8
29,5 x 21 cm

5.

Transintimidade #14
11 x 8 cm

6.

Transintimidade #15
21 x 29,5 cm

7.

Transintimidade #18
11 x 8 cm

8.

Transintimidade #19
29,5 x 21 cm

9.

Transintimidade #20
15 x 20 cm

10.

Transintimidade #24
59 x 42 cm

11.

Transintimidade #25
29,5 x 21 cm

12.

Transintimidade #28
29,5 x 21 cm

13.

Transintimidade #32
59 x 78 cm

14.

Transintimidade #33
29,5 x 21 cm

8.

ANA JANEIRO

The Archive is Present, 2018

The Archive is Present
#7, #10, #14, #15, #18,
#20, #21
Impressão fotográfica
jato de tinta sobre
papel
150 x 104 cm

The Archive is Present
#1, #2, #3, #5, #8, #11,
#12, #13, #15, #16, #19
Impressão fotográfica
jato de tinta sobre
papel
31 x 43,5 cm

The Archive is Present
Vídeo 16"14"

Na vitrine:
Materiais de arquivo
vários (Arquivo
Fernandes e Arquivo
Janeiro)
Da série *Álbum*,
impressões
fotográficas a jato
de tinta sobre papel,
dimensões várias, 2016.

9.

DANIELA ÂNGELO

Animais, 2020
Impressão em jato
de tinta sobre papel
Baryta

Animais, 2020
6 Fotografias
130 x 97,50 cm

BF20

DEAMBULAÇÃO E ITINERÂNCIA

MUSEU MUNICIPAL
DE VILA FRANCA
DE XIRA

PISO 1

**8 MAI
a 26 SET
2021**



ARTISTAS

ALEXANDRE DELMAR

CARLOS LOBO

LUIZA BALDAN

XAVIER PAES

Deambulação e Itinerância explora o carácter processual e performativo da fotografia. Centrando-se na interseção entre os atos de caminhar, observar e fotografar, esta exposição coletiva propõe-se considerar determinadas vivências – físicas, sensoriais, reflexivas –, associadas às práticas fotográficas realizadas durante trajetos por lugares que se habitam ou que são percorridos de passagem. Decorrentes de incursões por vários territórios e diversos ambientes, estes projetos tanto focam aspetos da arquitetura e objetos, como paisagens humanas de diversidade e heterogeneidade social. Podem ser espaços naturais, rurais, urbanos, semi-periféricos, paisagens vulgares, conhecidas, anónimas ou clandestinas, lugares de natureza ou função ambígua, monumentos improváveis, sem inscrição nem memória, ou formas construídas por mínimos gestos humanos. Em comum, partilham a condição de lugares à espera de ser revelados, objetos inspiradores de partilha, de um *querer dar a ver*.

A exposição articula-se em torno de realidades puramente visuais, dessas imagens que nos remetem para o mundo exterior e para a representação, mas também para uma melhor compreensão dos processos de trabalho dos artistas, e para a valorização da experiência de vida

criativa, a qual implica experiências corporais e processos intelectuais. Com esta exposição, o espectador é convidado a sentir a experiência de quem fotografou, a combinar o olhar com uma projeção sobre a existência de um corpo em movimento, em deslocação no espaço, com um andar exploratório, errático ou estruturado.

Neste sentido, a mostra não foca apenas as qualidades visuais das imagens mas chama-nos a atenção para a dimensão sensorial, para aquilo que não podemos ver mas que podemos intuir através das imagens, as suas realidades sonoras, as sensações tácteis, os processos do pensamento, de indagação, de introspecção e contemplação, os diferentes graus de atenção. Assim, a mostra amplia o foco do discurso curatorial dos objetos artísticos para um discurso que inclui a receção e visualização das obras de arte.

Neste contexto, ganha igualmente relevância um diálogo com práticas fotográficas que partem do quotidiano visual e que consubstanciam paradoxais experiências de fuga e de encontro, provável ou improvável, intencional ou casual, partilhadas nos âmbitos profissional e amador da fotografia. No seu conjunto, as obras expostas podem considerar-se expressões tangíveis de geografias pessoais, experiências de liberdade e transformação, de fuga ao tempo produtivo, de construção e reconstrução subjetiva, num processo de contínua abertura ao mundo, reflexão sobre os lugares que vivemos e autoconhecimento e criação de universos pessoais.

Sejamos ou não fotógrafos, este exercício muito próprio da fotografia adquire outro entendimento e alcance quando, em período de confinamento devido à pandemia, o ritual quase diário de sair de casa e caminhar ganhou uma relevância quase terapêutica para todos nós.

ALEXANDRE DELMAR

A ideia de percurso por caminhos próximos mas também a prática de viagem por lugares mais distantes fazem a matéria das imagens desta exposição. Alexandre Delmar foi convidado a olhar para o arquivo de imagens que constitui a sua série de trabalhos *Monumentos Acidentais*, que define como “Acasos, corpos e estruturas instáveis – coleção de viagens”. Realizadas em diferentes locais – Minho, Braga, Serra da Estrela, Malanje (Angola), Nova Deli, Badami, Hampi (Índia), Skopje (Macedónia) e Dhaka (Bangladesh) – e momentos, entre 2007 e 2021, estas imagens revelam relações muito particulares, reflexivas e de olhar, do homem com o espaço natural e evidenciam a procura de múltiplos sentidos estéticos, emocionais, ecológicos, espirituais e políticos na paisagem. O conjunto, muito heterogéneo, evoca a contemporaneidade mas também a ancestralidade, a presença humana mas também a existência do que está para além dela, construindo uma sensação de mistério e de intemporalidade.

CARLOS LOBO

A instalação do artista congrega vários núcleos de imagens das séries *S. Paulo*, *The Nature of Description* e *Japan*. Espaços interiores e exteriores, onde se representam figuras humanas envolvidas em diferentes ações, a caminhar, a ler, a observar, propondo narrativas sequenciais baseadas em trajetórias e relações de imagens e momentos coincidentes ou divergentes, acasos, semelhantes ou diferentes pontos de vista, linhas de olhar transversais, e detalhes e fragmentações da imagem. Características que, aliadas à sensação particular de outra temporalidade e às diferentes dimensões psicológicas que sugerem, revelam uma dinâmica ficcional e aspetos particularmente cinematográficos na construção narrativa e imagética destes conjuntos fotográficos.

LUIZA BALDAN

As imagens da artista brasileira, da série *Leituras de um lugar valioso*, foram realizadas no Chile. Foi um processo de trabalho iniciado em 2012 numa residência artística no espaço

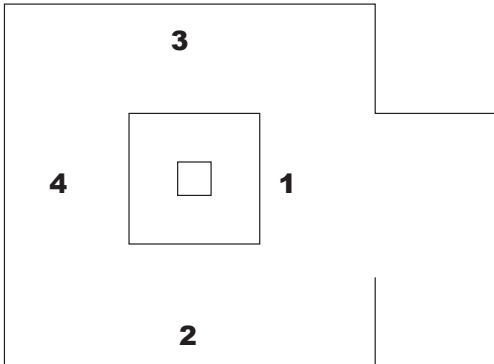
colaborativo CRAC Chile, em Valparaíso, e que se desenvolve até hoje, já que Luiza Baldan visita regularmente a cidade e o país. A abertura à vivência de um espaço e território novo foi determinante nessa primeira experiência com esta paisagem, assim como a necessária adaptação que resultou de a artista ter sido vítima do furto do seu equipamento fotográfico, valendo-lhe os colegas e amigos para conseguir câmaras emprestadas e encontrar formas de prosseguir o seu trabalho. Esse episódio determinaria a maior proximidade com o coletivo mas também que a sua representação do espaço se transformasse naturalmente, ganhando espontaneidade em relação ao previamente planeado. Luiza Baldan concentrou-se nas pessoas mas também na cidade, em processo de gentrificação após a sua nomeação como património da UNESCO; e dedicou a sua atenção à observação das pequenas coisas e ao que considerou os lugares mais valiosos, aqueles que estavam em vias de desaparecimento.

XAVIER PAES

As fotografias de Xavier Paes colocam-nos perante apontamentos registados em espaços imprecisos, provavelmente tanto das periferias como de centros urbanos. Maioritariamente constituem composições de planos fechados, em que os objetos e a memória dos gestos escapam a uma observação mais documental e ganham sentidos pictóricos e escultóricos ocasionais e improváveis, seja pelo destaque concedido às luzes, às texturas e às cores, seja pelas conexões simbólicas estabelecidas entre as imagens e os seus títulos. No conjunto encontramos composições formadas por amontoados de materiais de construção que servirão a urbanização do espaço, inscrições de parede, habitações, objetos e cenas aparentemente banais mas que na sua abordagem quase diarística e introspetiva, ganham estranheza narrativa e uma intensidade visual e reflexiva, poética e política.

NOTA

Os textos de cada artista são da autoria da curadora.



**FICHA
TÉCNICA
DAS OBRAS:**

-
- 1. Alexandre Delmar**
 - 2. Carlos Lobo**
 - 3. Luiza Baldan**
 - 4. Xavier Paes**

**1.
ALEXANDRE DELMAR**

***Monumentos
Acidentais,
2007 – 2021***
Fine art print

1. Sem título
110 x 110 cm

2. Sem título
40 x 40 cm

3. Sem título
80 x 80 cm

4. Sem título
80 x 80 cm

5. Sem título
58 x 58 cm

6. Sem título
40 x 40 cm

7. Sem título
40 x 40 cm

8. Sem título
40 x 40 cm

9. Sem título
40 x 40 cm

10. Sem título
40 x 40 cm

11. Sem título
40 x 40 cm

**2.
CARLOS LOBO**

***Untitled, da série Japan,
2011***

7 Fotografias. Impressão
a jato de tinta sobre papel
Hahnemuhle Silver Rag.
46 x 41 cm (6); 50 x 60 cm
(1)

***Untitled, da série S.
Paulo, 2011***

6 Fotografias. Impressão
a jato de tinta sobre papel
Hahnemuhle Silver Rag.
46 x 41 cm

***Untitled, da série The
Nature of Description,
(2018-)***

4 Fotografias. Impressão
a jato de tinta sobre papel
Hahnemuhle Silver Rag.
46 x 41 cm

3.

LUIZA BALDAN

Série Leituras de um lugar valioso, 2012 – 2021

Impressão com tinta de pigmento mineral em papel algodão

Sem título, 2012

110 x 140 cm

Sem título, 2016

100 x 100 cm

Sem título, 2019

100 x 100 cm

Sem título, 2021

100 x 100 cm

Sem título, 2015

50 x 50 cm

Sem título, 2015

50 x 50 cm

Sem título, 2019

50 x 50 cm

Sem título, 2012

40 x 50 cm

Sem título, 2012

40 x 50 cm

Sem título, 2013

40 x 60 cm

Sem título, 2013

40 x 60 cm

Sem título, 2014

40 x 60 cm

Sem título, 2014

40 x 60 cm

4.

XAVIER PAES

Impressão Giclée sobre papel Canson Velin Museum 315g

Lugar à sombra (T0), 2021

81,5 x 60,5 cm

Imagem 4 (Tipo de Fogo 1), 2021

81,5 x 60,5 cm

Sem Título (Futurum Exactum), 2021

81,5 x 60,5 cm

Sem Título (Ainda sobre o Corpo/Ritmo e as Políticas Espaço/Temporais), 2021

81,5 x 60,5 cm

Lugar ao sol (não me importava de Morrer em Válega), 2021

81,5 x 60,5 cm

Cena Venn (Climax e a Emergência Ecológica), 2021

81,5 x 60,5 cm

BF20

**FOTOUTOPIA:
CONSTRUÇÕES
IMAGINÁRIAS**
FÁBRICA DAS PALAVRAS

PISO 1

**18 SET
a 21 NOV
2021**



ARTISTAS

ANA LINHARES

ESTEFANÍA LANDESMANN

PEDRO VALDEZ CARDOSO

SÃO TRINDADE

No momento em que o presente permanece suspenso e o futuro incerto e obscuro, esta exposição centra-se na emergência de uma imaginação utópica capaz de mobilizar energias e redefinir potencialidades e prioridades, revelar outras realidades e projetar outras possíveis formas de viver e criar, refletindo sobre práticas e territórios em expansão no mundo da fotografia. De modo a contrariar esta sensação de disfunção distópica, refletamos sobre o que este tempo transformador representará para o futuro.

No desafio de dar forma ao futuro, centremo-nos não no que era mas no que poderá ser, no possível e desconhecido, examinando várias maneiras de experimentar o mundo através da imagem. Sendo esta uma exposição de fotografia estamos interessados nas novas possibilidades imagináveis neste campo, que é também um lugar de renovação, de metamorfose e mutação contínuas. Como poderá ser este um novo mundo e como

se exprime na cultura fotográfica? De uma coisa podemos ter a certeza: as realidades mutantes corresponderão olhares expansivos.

FotoUtopia pretende apresentar uma combinação verdadeiramente dinâmica de projetos representativos da diversidade e vitalidade da fotografia contemporânea, mediante a presença de trabalhos recentes de quatro artistas que exploram o campo da fotografia, encarando-o como meio conceptual e de experimentação, de indagação e reavaliação criativa sobre os temas e processos de produzir imagens na atualidade.

Importa sondar os efeitos de uma realidade pós-Internet baseada na aceleração e desmaterialização e de um mundo de edição e circulação ilimitada e saturada de imagens. E reconhecer, nesse vórtice de transmissão digital, e redes sociais e de informação que moldam indelevelmente a nossa visão, a proposta de modelos de comunicação baseados na documentação obsessiva, na fragmentação, na descontinuidade e na hibridização e porosidade de diferentes meios, contextos e formas, que nos incitam a um constante exercício de montagem e conetividade. Toda esta dinâmica será evocada por uma Bienal atenta ao futuro que renasce todos os dias, assim com às nossas esperanças nele.

**BF
20**

BF20 / BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA



[Exposição]

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Presidente Alberto Mesquita

PELOURO DA CULTURA

Vereadora Manuela Ralha

COORDENAÇÃO GERAL

Departamento de Cultura
Divisão de Cultura, Museus e Património Histórico

CURADORIA

Sandra Vieira Jürgens

PRODUÇÃO, PLANEAMENTO E LOGÍSTICA

DIVISÃO DE CULTURA, MUSEUS E PATRIMÓNIO HISTÓRICO
Catarina Santos
Edite Almeida
Margarida Ribeiro

MONTAGEM

DIVISÃO DE CULTURA, MUSEUS E PATRIMÓNIO HISTÓRICO
Edite Almeida
Margarida Ribeiro

DEPARTAMENTO DE OBRAS, VIATURAS E INFRAESTRUTURAS

António Costa
David Costa
Guilherme Rómulo
José Machado
José Travassos
Mário Silva
Ricardo Pereira
Ricardo Rebelo
DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM
Helder Dias
Miguel Oliveira
Nuno Correia

COMUNICAÇÃO

DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM
Carla Coquenim

ADAPTAÇÃO GRÁFICA

DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM
Dulce Munhoz

WEB DESIGN

João Pereira

Celeiro da Patriarcal

Rua Luís de Camões, n.º 130,
2600 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 271 155
GPS: 38° 57' 12.55" N 08° 59' 22.40" W

HORÁRIO:

terça-feira a domingo –
15h00 às 19h00, encerra às
segundas-feiras e feriados.

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, n.º 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350
GPS: 38° 57' 11.64" N 8° 59' 18.10" W

HORÁRIO:

terça-feira a domingo – 9h30
às 12h30 e das 14h00 às 17h30,
encerra às segundas-feiras,
feriados e de 1 a 15 de agosto.

Fábrica das Palavras

Largo Mário Magalhães Infante,
n.º 14
2600-187 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 271 200
GPS: 38° 57' 7.44" N 8° 59' 17.78" W

HORÁRIO:

terça a quinta-feira – 10h00
às 19h00; sexta-feira – 10h00
às 22h00; sábado – 10h00 às
19h00; domingo – 10h00 às
13h00 e das 14h00 às 18h00,
encerra às segundas-feiras e
feriados.

* Consequência da Pandemia
COVID-19 os horários podem
sofrer alterações.